

NELSON DE OLIVEIRA

(ENTRE PARÊNTESES)

(Imagine um pedaço de queijo suíço, do tipo mais cheio de buraco possível. Quanto mais queijo mais buraco, certo?)
 (Se cada buraco ocupa o lugar onde deveria haver queijo, então quanto mais buraco menos queijo, certo?)
 (Assim, quanto mais queijo mais buraco e quanto mais buraco menos queijo. Logo, quanto mais queijo menos queijo!)
 (...)
 (Você não é de muito papo, né?)
 (Não adianta resmungar, xingar, isso só piora a situação. O segredo é ter paciência. Mais cedo ou mais tarde alguém vai achar a gente aqui e chamar o zelador.)
 (O segredo é ter paciência, relaxar.)
 (Pegadinha: qual é o sistema dos restaurantes por quilo em Portugal?)
 (Simples: o freguês é pesado na entrada e na saída.)
 (Pô, que mau humor. Desse jeito fica difícil, né?)
 (Outra pegadinha: qual a diferença entre drama e tragédia?)
 (Drama é a primeira vez que não se consegue dar a segunda. Tragédia é a segunda vez que não se consegue dar a primeira.)
 (Tá bom, tá bom, não falo mais nada.)
 (...)
 (Já percebeu que ficar preso em elevador é o mesmo que estar entre parênteses?)
 (Não é outra pegadinha, não. Tô falando sério!)
 (Nada embaixo, nada em cima, percebe?)
 (...)
 (Parênteses.)
 (Me acusam de sempre colocar as pessoas entre parênteses. Que ironia, agora o feitiço se voltou contra mim.)
 (...)
 (Parênteses, parên-teses, pa-rên-te-ses.)
 (Me acusam de colocar as pessoas entre parênteses, sempre. Já falei isso, né?)
 (Queriam o quê? Peso cento e trinta quilos, não fui feliz no casamento, não fui feliz antes do casamento, não sou feliz depois do divórcio.)
 (Minha ex-mulher, você a conheceu, não?)
 (Durante quinze anos de casado não há quem não ganhe peso.)
 (Solteiro, eu trabalhava o dia todo, chegava em casa, via o que tinha na geladeira e, desanimado, ia pra cama. Casado, as coisas mudaram.)

(Eu chegava em casa, via o que tinha na cama e, desanimado, ia pra geladeira. Foi assim durante quinze anos.)
 (Minha ex-mulher, você se lembra dela, não?)
 (Adorava queijo suíço.)
 (Aprendi a botar as pessoas entre parênteses com ela, comecei com os parentes dela: a mãe e o pai.)
 (Estreei com minha sogra. Deu trabalho, a velha gritou e esperneou. Tive que usar alicate, chave-de-fenda e furadeira. Sogra boa é sogra enlatada.)
 (Entre parênteses as sogras falam menos, usam menos o telefone, se preocupam menos com a vida alheia.)
 (Depois foi a vez do meu sogro. O velho não reclamou nada, acho até que ficou muito feliz de se ver livre da mulher e da filha. As duas o infernizaram durante décadas. Eu o enfiei com cadeira de rodas e tudo. No final ele me sorriu. Em sinal de agradecimento, eu acho.)
 (Ele detestava queijo suíço.)
 (Com a minha mulher eu senti prazer, prazer sádico, entende?)
 (Ela me ameaçou, me mordeu a mão e arranhou meu rosto.)
 (Parecia duas pessoas, sabe por quê? Porque estava fora de si.)
 (Pegadinha... Não consegui evitar.)
 (A verdade é que entre parênteses as mulheres não notam se você está com as unhas sujas ou não, não insistem em discutir a relação nem exigem flores no aniversário de casamento.)
 (Entre parênteses as mulheres não reclamam que a tampa do vaso não foi levantada, que o peido não foi silencioso, que os dentes não foram escovados, que a descarga não foi dada.)
 (Não quero ser grosso, detesto grosserias, mas já reparou que. Nem sei como dizer.)
 (Já reparou que o que as mulheres têm são deliciosos parênteses entre as pernas? Parênteses com cheiro de queijo suíço... Que adoramos botar nosso travessão neles? Travessão entre parênteses, essa é a melhor travessura do mundo, não?)
 (Cara, você é mesmo muito mal-humorado.)
 (Tudo bem, não falo mais nada.)
 (...)
 (Última pegadinha? Que foi que a zebra disse pra mosca?)
 (...)
 (Você está na minha lista negra.)

Nelson de Oliveira nasceu em 1966, em Guaíra, SP. Escritor e doutorando em letras pela USP, publicou *Naquela época tínhamos um gato* (contos, 1998), *Subsolo infinito* (romance, 2000), *O filho do crucificado* (contos, 2001, também lançado no México), *A maldição do macho* (romance, 2002, publicado também em Portugal) e *Verdades provisórias* (ensaios, 2003), entre outros. Em 2001, organizou a antologia *Geração 90: manuscritos de computador* e, em 2003, *Geração 90: os transgressores*. Dos prêmios que recebeu destacam-se o Casa de las Américas (1995), o da Fundação Cultural da Bahia (1996) e duas vezes o da APCA (2001 e 2003).